



A CRÍTICA SOCIOLOGICA DE JOÃO LUIZ LAFETÁ E O “PRINCÍPIO DOS CONVERSORES CONVERGENTES”, DE ROGER BASTIDE

Enólia Nunes Ferrreira Lopes²¹
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

166

Resumo: Com a implantação na universidade, das chamadas “pesquisas interdisciplinares”, o crítico João Luiz Lafetá (1946), elege para si uma metodologia arrojada, de modo a colocar à prova o método denominado “o princípio dos refletores convergentes” que consiste em lançar vários feixes de luz sobre um objeto que se quer compreender, de modo a captá-lo de vários ângulos em movimento. Este método, inaugurado pelo professor francês Roger Bastide, proporcionou um forma diferenciada de analisar a produção crítica, assim como ampliar a discussão em torno das questões relacionadas à linguagem na interpretação do texto literário. De forma denominada operatória, o crítico apresenta o seu objeto de estudo, que permite colocar em evidência, sob o mesmo viés de leitura, autores ideologicamente diferentes entre si, presentes no cenário da crítica literária dos anos 1930 a 1940. Enfim, este estudo, resultado de pesquisa bibliográfica e documental, focaliza, especialmente, as obras de Lafetá: *1930: a crítica e o modernismo* (1974) e *Figuração da Intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade* (1980).

Palavras-chave: Crítica Sociológica, Lafetá, “Princípio dos refletores convergentes”.

Abstract: With the implementation at the university, so-called "interdisciplinary research", the critic João Luiz Lafetá (1946), elects himself a bold approach in order to put to the test method known as "the beginning of the converging reflectors" that is to launch several beams of light on an object that one wants to understand, in order to capture it from several angles in movement. This method, inaugurated by the french professor Roger Bastide, provided a differentiated way of analyzing critical production, as well as broadening the discussion around issues related to language in the interpretation of the literary text. Of known operative way, the critical features its object of study, which allows to highlight, under the same bias reading, ideologically different authors each other, present in the literary criticism of the scenario of the 1930s to 1940. Anyway, this study, a result of bibliographical and documentary research, especially focuses on the works of Lafetá: *1930: criticism and modernism* (1974) and *Figuration of Intimacy: images in the poetry of Mario de Andrade* (1980).

Keywords: Sociological Critique, Lafetá, "Principle of convergent reflectors".

21 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros/MG.



O professor e crítico de literatura, João Luiz Machado Lafetá, nasceu em Montes Claros, Norte de Minas Gerais, em 12 de março de 1946. Assim que venceu as etapas relativas à Educação Básica, em Minas Gerais, e da passagem pela capital mineira para cursar o ensino secundário, foi para a então promissora Universidade de Brasília, em 1965, onde conviveu de perto com Cyro dos Anjos, seu conterrâneo e mentor. Na então recém-inaugurada capital brasileira, graduou-se em Letras no ano de 1968 e abandonou de vez o jornalismo, que pretendia na adolescência.

Em 1969, partiu para a capital paulista, onde na Universidade de São Paulo, cursou mestrado e doutorado, e se aproximou de vez do então seu mestre, Antonio Candido. De 1975 até 1979, atuou como professor de Teoria Literária na Universidade de Campinas. Em 1978, estabeleceu-se na USP, como professor-assistente, sem ganhar “nenhum tostão” diria. E, em 1980, nesta mesma instituição, foi efetivado, após concurso, para a cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada. Em 1981, se estabeleceu como bolsista em Paris, na École de Hautes-Etudes, onde especializou-se no estudo sob as vanguardas.²²

Além dessas experiências, Lafetá teve a oportunidade de atuar como professor visitante de Literatura Brasileira no Lateinamerika Instituto da Universidade Livre de Berlim, do segundo semestre de 1990 ao 1º semestre de 1991.

Sua trajetória até então, aqui simplificada, não se diferencia do itinerário típico de muitos escritores. Moço do interior, advindo das terras mais áridas das Minas Gerais, migra para o grande centro, incluindo neste ritual, a passagem pela Europa, especificamente na França, a capital das Letras. Assim foi com Cyro dos Anjos, com Drummond, com Darcy Ribeiro, e muitos outros. O aspecto itinerante da história do crítico não nos escapa.

22 A trajetória de Lafetá pode ser encontrada de forma mais completa em seu *Memorial*, disponível em: *Homenagem a João Luiz Lafetá*, obra póstuma, organizada pelo Departamento de Teoria e Literatura Comparada da USP- DTLLC/USP. Reúne vários depoimentos de orientandos colegas e professores da USP e UNICAMP. Publicado pela Editora Nova Alexandria, São Paulo, 1999.



Na obra de Lafetá, podemos destacar a análise crítica da poesia de Mário de Andrade, sendo que sua primeira publicação em livro é sobre a poesia de Mário e se intitula: Mário de Andrade, e faz parte da coleção Literatura Comentada.

Dentre suas obras, 1930: a crítica e o modernismo e Figuração da Intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade, se tornaram leituras obrigatórias para pesquisadores, estudantes, e interessados pela literatura brasileira de modo geral, especialmente sobre o Modernismo.

São de Lafetá as obras: 1930: a crítica e o modernismo (1974), Figuração da Intimidade: imagens na poesia de Mário de Andrade (1980), A Dimensão da noite, seleção de 42 textos críticos publicados por Lafetá, de 1970 a 1996, coletânea selecionada e organizada por Antonio Arnoni Prado (2004), Mário de Andrade – Seleção de textos, notas, estudo, estudo biográfico, histórico e crítico (1982), Os Melhores Contos de Autran Dourado (1997), dentre tantos outros ensaios e artigos, publicados em vários canais de expressão.

João Luiz Lafetá é o crítico que, morto aos 50 anos, em 1996, deixou importantes contribuições para a crítica literária brasileira.

O recorte aqui feito, se deu pelo fato de que esse congresso, mais especificamente, esse simpósio, propõe a discussão em torno da interdisciplinaridade, uma das características marcantes na escritura de Lafetá, o crítico que estabeleceu para si, uma forma um tanto quanto audaciosa de abordar o texto literário, inovadora para a crítica dos anos 1970, e que foi capaz de extrapolar fronteiras, que hoje se revelam importantes para a crítica literária.

Neste sentido, ele se aproximou do modelo adotado pelo sociólogo francês Roger Bastide, em sua passagem pelo Brasil, quando aqui chega em 1938, especialmente no aspecto relacionado a sua produção artística e suas relações com a cultura, a sociedade e a literatura. Nesta direção, buscou, entre as várias áreas do conhecimento, os elementos para a análise do texto, não os mesclando, mas tomando destes aqueles aspectos em que poderiam contribuir para ampliar o entendimento sobre a produção cultural, colaborando assim de forma singular para



a evolução intelectual dentro da universidade brasileira, nos dezessete anos em aqui permaneceu.

169

Uma Crítica em Movimento: das Ciências Sociais para a Literatura

Diante do exposto até aqui na pesquisa, de caráter bibliográfico e documental, é possível inferir que a metodologia de análise crítica empreendida por João Luiz Lafetá, não seja um inédito e nem de sua própria autoria, embora inovador seja a sua abordagem, no sentido de que tenha empreendido uma leitura diferenciada em relação ao seu objeto, quando se propõe a colocar em evidência, sob o mesmo viés de leitura, autores e ideologias diferentes entre si, como no caso de 1930: a crítica e o modernismo, que embora contraditórias, irão concorrer para a mesma coisa. Tal aceção inovadora, para a crítica do seu tempo, os anos 1970, lhe permitiu conjugar, ao mesmo tempo, elementos sociológicos, psicanalíticos e estéticos numa mesma proposta analítica. Embora, no caso específico de 1930: a crítica e o modernismo, predomine o viés sociológico.

Antes de tudo se faz necessário esclarecer que, nesta proposta analítica “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. (CANDIDO, 1985, p. 14). O que nos remete à ideia de que a obra, nesta direção, se constitui em um conjunto completo, um todo, para não correremos o risco de querer esquadrinha-la, separando –a em partes, descaracterizando-a em sua completude. Por mais que estejamos tentados a tal, tendo em vista o caráter dialético presente no texto.

Segundo Fernanda Arêas Peixoto, a tomada do método social na literatura, via Antonio Candido, fez com este reconhecesse o seu débito para com Roger Bastide, quanto ao tipo de análise empregado em suas obras literárias. Isto pode ser comprovado pela passagem abaixo:



O ensaio “Machado de Assis, paisagista” (1943), especialmente, se tornou uma referência importante para os estudos literários no Brasil em função das marcas por ele deixadas em Antonio Candido, ex-aluno de Bastide, que declara em dois ensaios de Recortes (1993) o seu débito para com o modelo de análise por ele proposto (...). (PEIXOTO, 2011, p. 3-4).

170

Portanto, neste apontamento de Peixoto, é possível relacionarmos o método bastidiano àquele empreendido por Antonio Candido e seus discípulos, dentre eles, João Luiz Lafetá.

Maria Lúcia de Santana Braga, no artigo: “A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil” contribui para compreendermos como se fez inovador o pensamento do mestre francês que propõe sua pesquisa a partir de um olhar múltiplo e interdisciplinar sobre as áreas do conhecimento. É explícita a (...) sensibilidade de Bastide para temas e métodos que no período não eram ainda considerados dignos de atenção por parte dos cientistas sociais e como procurava incentivar nos seus alunos essa mesma diversidade e sensibilidade” (BRAGA, 2000, p. 338).²³ Assim também fez Lafetá, num gesto de coragem e ousadia, a exemplo de Bastide, como nos lembra Anelito de Oliveira, em seu artigo, “Audácia e método”.²⁴

Em *Figuração da Intimidade*, sua tese de doutorado, Lafetá conserva a mesma linha interpretativa. Utiliza o jogo dos opostos, presentes em sua dissertação, para construir sua estratégia analítica. Encontramos, como foi proposto, alguma assonância da sua análise em William Empson, (e Robert Graves) no que diz respeito ao uso da ambiguidade como recurso estilístico. Articulados entre si, os opostos se completam. Isto quer dizer que, o jogo da interpretação não se esgota em si mesmo. Esta questão foi tratada de forma detalhada em capítulo anterior deste trabalho, denominado “As marcas da ambiguidade e da subjetividade em 1930: a crítica e o modernismo, de João Luiz Lafetá”.²⁵

24 OLIVEIRA, Anelito Pereira de. “Audácia e método”. Estado de Minas, Belo Horizonte, v. 01, 2005, p. 04.

25 Este recorte é parte componente da minha pesquisa de mestrado, intitulada: O método e as marcas da subjetividade em 1930: a crítica e o modernismo e *Figuração da Intimidade*, de João Luiz



Segundo Antonio Cardoso Filho, a obra é o modo de “dispor e elaborar o material verbal (CHKLOVSKI, 1976, p. 41. Apud CARDOSO FILHO, 2011, p. 68), e que se relaciona diretamente à adoção do procedimento que o autor se vale para expressar a sua intenção, através da sua criação. Assim, percebemos que o crítico norte-mineiro reitera a sua leitura pela via estruturalista, uma vez que neste sentido, a intenção é observar como todos os elementos possíveis de serem abordados pela via da ambiguidade, são, na verdade, dependentes um do outro.

A estrutura, no sentido disposto acima por Antonio Cardoso Filho, num primeiro momento, “era compreendida inicialmente como um conjunto de elementos que, dentro de uma hierarquia, realizavam uma função poética”. Sendo que posteriormente, esta forma de entendimento tenha evoluído, de onde se passou a dizer que:

[a] estrutura é um sistema de relações que não só conferem identidade ao conjunto geral por meio dos elementos que o constituem, mas também revelam dois fatos: a) a oposição que existe entre esses elementos e b) a oposição desses elementos em relação ao conjunto geral. Em outras palavras, a estrutura passou a ser compreendida como um sistema de relações entre as partes que dá identidade ao todo, mas também pode mostrar a oposição das partes entre si e em relação a esse todo. (CARDOSO FILHO, 2011, p. 69).

Assim é possível compreender que Lafetá, em sua proposta estética, é consciente na manipulação dos recursos disponíveis para organizar os elementos internos do seu texto, articula-os, arquitetando cada parte da estrutura, de modo que, ao final, (ou quando ele achasse que fosse o momento), esta compunha um conjunto harmônico, com as partes assumindo o papel desejado.

Se faz importante neste momento nos remetermos a Mattoso Câmara, quando este nos lembra que o estruturalismo, embora receba usualmente a alcunha de método. Assim, quando se diz “o método estruturalista”, este é, na verdade, uma posição que o investigador utiliza para conhecer determinado objeto científico, e não é exclusividade da literatura ou da linguística. Ele se estende a outros campos do

Machado Lafetá, sob a orientação do prof. Dr. Anelito Pereira de Oliveira, Mestrado em Letras/Estudos Literários, na Universidade Estadual de Montes Claros, 2016/2017.



saber, como nos lembra Cardoso Filho em seu texto: “Fernand de Saussure²⁶, dando os fundamentos não só do estruturalismo linguístico mas também do próprio estruturalismo como uma nova abordagem científica”. Portanto, inferimos que o estruturalismo não era de modo específico o “método” utilizado pelo crítico norte-mineiro, posto que esse não possuía tal status.

Cardoso Filho também nos apresenta a aplicação desta forma de abordagem por Claude Lévi-Strauss, utilizando essa mesma perspectiva no estudo das organizações simbólicas da cultura, em suas pesquisas no campo da antropologia, e que em nosso texto já nos parece bastante familiar, tendo em vista as discussões estabelecidas anteriormente, em torno da crítica sociológica de Candido e Lafetá, com os estudos sobre o mito em ambos (em Lafetá, mais especificamente, nos estudos dos textos de Mário de Andrade).

Em relação à análise dos modos de organização social, político-ideológicos, presentes no texto de Lafetá, como condição imprescindível ao entendimento do texto, Cardoso Filho nos aponta Michel Foucault, Louis Althusser “para citar dois exemplos, onde “tudo se dá dentro de um sistema, desde os elementos mais simples da instituição social e política até os mais complexos. (CARDOSO FILHO, 2011, p. 70). Revendo o pensamento anterior, esta premissa adquire total coerência dentro da análise que estabelecemos, por exemplo, com os povos primitivos de Candido e a cultura primitiva do Brasil, referida por Lafetá, tratados anteriormente em nossa pesquisa. Isto porque o social é o ponto de partida, capaz de introduzir o raciocínio de forma “simples”, e, na sequência, caminhar para o complexo, dentre de uma perspectiva de evolução pensada e arquitetada pelo crítico. Porém, de modo que o leitor não perca o rumo do pensamento na discussão. O que comprova o interesse didático na metodologia utilizada.

Assim se dá a introdução de 1930: a crítica e o modernismo e Figuração da Intimidade, pois situar o leitor no contexto sócio-político da obra (e do autor), se constitui em uma necessidade primeira para o crítico e para o seu texto.

26 Curso de Linguística Geral, texto publicado em 1916, pelos alunos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye.



Diante do exposto, percebemos que se torna aparente a relação direta da abordagem de Lafetá com o estruturalismo, pela maneira como organiza em termos específicos a sua lógica de interpretação.

Quanto aos esquemas estruturais da análise, ele não se desvincula ainda de Antonio Candido, que por sua vez, se liga ao modelo adotado pela crítica sociológica, que no Brasil, é inaugurada pelo professor francês, Bastide, como já exposto.

Utilizando-se dessa abordagem, Lafetá exercita em seu texto, o que Bastide chama de “o princípio dos conversores convergentes”, que, em termos conceituais, podemos dizer, seja sua metodologia de análise.

173

Lafetá e o “Princípio dos Conversores Convergentes” de Roger Bastide”

Na Física existem dois conceitos sobre o qual gira a ideia em torno do movimento. A força centrípeta, reativa ao movimento curvilíneo, a qual consiste naquela força que “puxa” o movimento para o centro da trajetória circular, e, a força centrífuga,²⁷ que se refere a pressão sobre um corpo exercida neste mesmo movimento circular. Isso quer dizer que, esse tipo de força, que puxa o corpo para o centro da trajetória, se apresenta como inversa da força centrífuga, pois esta consiste em empurrar o corpo, contrariamente, para fora da trajetória.

Consideradas as distâncias que separam a física e a crítica literária, o objetivo de trazer à tona tais conceitos, se dá pela intenção de estabelecer uma comparação entre as forças que regem a interpretação crítica, sejam elas intrínsecas ou extrínsecas ao objeto em estudo.

Numa rasa interpretação do fenômeno físico, e aproximando-os dos textos em questão, podemos pensar que João Luiz Lafetá, em sua proposta de análise do literário, exercita ao mesmo tempo as duas forças. Isto porque, é no jogo de opostos

²⁷ SILVA, Domiciano Correa Marques da. "Força centrífuga"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/forca-centrifuga.htm>>. Acesso em 09 de novembro de 2017.



e da contradição que estrutura a sua leitura, como se, ao mesmo tempo em que, escavasse no texto, todos os elementos que convergem para a compreensão deste em sua relação com a sociedade, seus costumes, suas práticas e vivências e a forma como isto se realiza, ele acaba por produzir, neste esforço, um movimento de tensão, que só será arrefecido, quando, através da abordagem interdisciplinar, e, se valendo dos conceitos sociológicos, filosóficos, psicanalíticos e literários, consegue trazer o leitor para fora e para dentro do texto, num movimento contínuo. Isto se dá, sem contudo, isolar as condições de produção do próprio texto, destituí-lo ou afastá-lo destas condições, que passam a ser inerentes a este, pela sua própria estrutura e função.

Os movimentos, provocados pelas duas forças, que agem sobre o texto, acontecem ao mesmo tempo. A tensão gerada por ambos, será o meio pelo qual o autor se valerá para conduzir o leitor, pelo caminho da ambiguidade, do paradoxo, do duplo, mas que no fundo, não passa de uma estratégia para provocar o brainstorming, necessário para a condução do jogo analítico.

Enfim, estas “forças” agem (para entendamos que foram geradas pelas condições de interpretação), em princípio, diferentes ou distantes entre si, pelo que tomam como ideologias contrárias, como eleger quatro autores, que, embora pertencentes a um tempo histórico comum, tenham concepções ideologicamente diferentes, como: Tristão de Athayde, Agripino Grieco, Mário de Andrade (que se estende ao trabalho seguinte, *Figuração da Intimidade*) e Octavio de Faria, como acontece em 1930: a crítica e o modernismo.

Como uma espécie de continuidade da proposta assumida na primeira obra acadêmica, Lafetá dispensa as outras “forças” e se concentrará numa única, aquela que talvez tenha exercido o maior poder de concentração em torno de si mesma, mesmo que num primeiro plano, possa ter dado a entender que o objetivo era empurrar o entendimento da literatura para fora de si mesmo, posto que esta literatura é exercida em um contexto que teve muita influência sobre o sujeito escritor: Mário de Andrade e sua poética modernista, em *Figuração da Intimidade*.



Assim, podemos dizer que a força centrípeta, que funcionaria, na análise do texto do então jovem crítico, se relacionasse a sua capacidade de nos fazer ir em direção ao centro do texto, compreendendo-o de dentro, e sendo capazes de enxergá-lo além daquilo que ele apresenta em sua estrutura e forma. Mas, percebendo as relações que este tem com a sociedade em toda a sua complexidade, ou tudo aquilo que “circula” em torno da obra literária, não a dissociando do seu tempo”. Já a força centrífuga, poderia ser relacionada aos aspectos dentro deste mesmo texto, que o “empurra” em direção ao leitor, fazendo com que ele se torne parte da leitura, não desprezando o seu entendimento ou seu envolvimento com o próprio texto. Ou seja, a força exercida pelo texto, de dentro para fora, irá de certa forma, determinar o valor que este adquire, a partir da interação que é capaz de provocar entre texto e leitor (e autor).

Ou seja, não é possível uma análise crítica, sob tal perspectiva, onde não se perceba as forças de poder que estão “embutidas” em seu interior, e que se relacionam a modo de ver e de se relacionar com o mundo da literatura, pelo próprio escritor em seu contexto histórico-social e assim como as “forças” exercidas por esse mesmo contexto sobre o que é produzido.

Desta forma, a crítica literária, produzida nos anos 1930, seja por Mário de Andrade, Octavio de Faria, Agripino Grieco ou Tristão de Athayde, será influenciada pelos aspectos (ou forças) internas ou externas da sociedade em que estes se inserem. Embora ideologicamente diferentes entre si, todo o movimento produzido para a geração das obras irá concorrer para um mesmo fim: produzir crítica literária. Mesmo que seus atores se encontrem de lados opostos neste movimento. A crítica social de Lafetá, denominada por ele mesmo de “ecclética”, permeada pelo marxismo, pela psicanálise e pela teoria estética, contempla então, estas forças, num método de análise que se aproxima por aquele proposto por Roger Bastide.

Em seus estudos sobre a obra do sociólogo Roger Bastide, Fernanda Arêas Peixoto, levanta o seguinte questionamento: este método não seria uma espécie de “etnografia do pensamento”? Esta autora se refere à Geertz quando levanta esta possibilidade:



Na antropologia, o foco em comunidades naturais, grupos de pessoas que estão ligados entre si de múltiplas maneiras, possibilita a transformação daquilo que parece ser uma mera coleção de material heterogêneo em uma rede de entendimentos sociais que se reforçam mutuamente. E, já que os estudiosos modernos não são nem um pouco mais isolados que os bosquímanos, é possível que o mesmo se aplique também a eles. (GEERTZ, 1998, p. 234. Apud: PEIXOTO, 2000, p. 17).

Nesta direção, Peixoto nos descortina um outro feixe, nos vários raios que se nos apresentam nesta análise, e sob o qual fecharemos o foco: o método utilizado pelo professor francês, cuja referência já recorremos anteriormente, pois este estabelece, a partir dos seus estudos no Brasil, uma “problemática central, que não mais abandonará” (PEIXOTO, 2000, p. 16).

O padrão de análise que Bastide adota, se apresenta inovador e diferenciado do seu tempo. Para Peixoto, empreender análise do trabalho de Bastide, constitui tarefa temerária, posto às múltiplas faces em que este se constitui.

Segundo esta autora, a análise da proposta do professor e pesquisador francês, com o qual iniciamos a discussão sobre ambiguidades na crítica de Lafetá, irá se ancorar em três “diálogos” que esta considera indispensáveis. Neste ponto, a própria análise de Arêas já se assemelha ao seu objeto de estudo. O que poderia ser (ou não) uma coincidência, já que esta pesquisadora também é oriunda das Ciências Sociais.

O primeiro diálogo, necessário à compreensão dos temas e problemas apresentados, e se volta especificamente para o grupo modernista e de maneira particular, para Mário de Andrade, o que para nós já se faz bastante sugestivo, Neste trajeto, Bastide caminha em direção às artes brasileiras, da literatura e do folclore, momento em que faz uma revisão sobre Mario de Andrade e o Barroco brasileiro. Neste percurso, Bastide então terá a oportunidade de compartilhar o empreendimento formulado por Mário de Andrade, pelos modernistas e a ideia do “genuinamente nacional”, em sua busca pela “alma brasileira” (PEIXOTO, 2000, p. 18).



Outro ponto estabelecido por Peixoto, diz respeito a obra do baiano Gilberto Freyre. Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos, onde Bastide encontra inspiração para as suas reflexões sobre como se dá o processo de formação da cultura brasileira e sobre o “processo de modernização” no Brasil.

Segundo Peixoto, a discussão de Bastide, sobre as religiões afro-brasileiras de certo modo o “obrigam (...) a um redimensionamento da análise sobre o sincretismo e possibilitam o acesso à África no Brasil”. É dessa premissa que surge o questionamento de Peixoto sobre a etnografia das ilhas africanas referida anteriormente, já que esta ideia se relaciona ao que chama de “esboço de uma sociologia dos contatos culturais entre nós” (PEIXOTO, 2000, p. 18).

O terceiro diálogo, a que Peixoto, se relaciona a obra de Florestan Fernandes e nos remete ao Bastide que se coloca como formador de uma tradição sociológica na intelectualidade brasileira, através da universidade, então recém-criada. Para esta autora, este perfil de Bastide, é contrário aos anteriores, que se relacionam ao pesquisador voltado para as linhagens que já se encontram estabelecidas, como é o caso da linhagem africana.

Bastide, professor e depois colega de Florestan (este, professor de Antonio Candido) irá se deter no que chama de “dilema da modernização em solo brasileiro”. (PEIXOTO, 2000, p. 18).

Assim como Roger Bastide, João Luiz Lafetá empreende de forma bastante particular, a análise da obra literária. O contato que manteve com a crítica sociológica, da qual não se distanciará, permanecerá como ponto central de sua discussão, mesmo que tenha se valido dos recursos postulados pela retórica estruturalista. Peixoto traz pensamento semelhante quanto à obra de Bastide:

Bastide concebe uma problemática central que não mais o abandonará, a dos contatos culturais. Mas o que é fundamental e muito pouco discutido, é que durante a estada brasileira Bastide forja um ponto de vista teórico metodológico particular, dissonante dos padrões de seu tempo”. (PEIXOTO, 2000, p. 16).



Peixoto ainda salienta como a tradição sociológica e antropológica francesas, presentes em sua escrita, são colocadas lado a lado com aquilo que apreende em solo brasileiro, nas várias experiências por aqui empreendidas. É possível de se perceber também a influência norte-americana no pensamento do autor em seu contato com o Brasil, dentro e fora da universidade, os quais não se limitaram à pesquisa de cunho apenas teórico, da “nossa tradição literária, sociológica e ensaística” mas também pelo contato direto com uma gama de sujeitos, desde alunos, professores, escritores e críticos. Influência esta que também pode ser direcionada ao método de análise empreendido por Lafetá, que no vácuo do estruturalismo (que influenciou o new criticism americano), utiliza os princípios do close Reading, que faz com que ele se concentre e se aproxime o máximo possível do seu objeto de estudo, e lança sobre ele seu potente foco de luz, como já aludimos anteriormente.

Outro aspecto da obra de João Luiz Lafetá, que encontra ressonância em Roger Bastide diz respeito ao diálogo que sua obra tece com a psicanálise, pois segundo Peixoto, “as interfaces entre a sociologia e a psicanálise na obra de Bastide mereceriam tratamento à parte” (PEIXOTO, 2000, p. 19), embora este não tenha sido este o centro de análise empreendido por esta autora, naquele momento da discussão.

Outro ponto a ressaltar e se relaciona ao que essa pesquisadora chama de “topologia das ideias de Bastide” pela necessidade que este tem de “querer representar, no texto escrito, uma determinada configuração de pensamento” (PEIXOTO, 2000, p.19).

A marca deste esforço, ou os leitmotifs, prossegue a escritora, não se ancora em nenhuma espécie de necessidade de determinar de maneira rígida que comprometa a leitura, mas, convergentemente, como se observa também em Lafetá, e diz respeito ao estudo que privilegia “a análise das tensões que conformam o universo desse pensamento e são responsáveis pelo seu andamento original.” (PEIXOTO, 2000, p. 20). Isto significa que na discussão em torno do objeto a ser analisado, existem no mínimo, dois lados a serem observados, e não há como



se conhecer um deles, sem que se conheça ou se conceba o seu oposto. Isto porque, eles se complementam, e são na verdade, dois lados da mesma moeda.

Assim, a poesia modernista de Mário de Andrade, entendida em sua complexidade e validade, enquanto instrumento de manifestação ideológico-social, no mesmo contexto em que se apresentam outros críticos de literatura, os quais detêm capacidade de influenciar em seus respectivos meios, embora destoem do principal representante modernista, também se comprometem com o que disseminam. Seus objetivos, em relação a crítica literária, em princípio dissonantes, posto que atendem às suas próprias convicções e visões de mundo, acabam por colaborar para promover a discussão em torno da literatura e da sua função social, mesmo que para isso, se apresentem como sujeitos de ideias dissonantes entre si.

Exercitamos até aqui, a reflexão em torno do pensamento do autor, com o objeto de demonstrar como a tensão age como a mola que impulsiona o texto. O jogo semântico, que se organiza em torno dos opostos, proporciona o fluir do texto, e sua evolução todo o tempo. Por conta disso, é possível de perceber a necessidade que este tem de recorrer à psicanálise, aos preceitos da teoria estética e do social, pela via marxista, para dar conta daqueles pontos que se extrapolam pela via única.

Mais reveladora ainda se torna a afirmativa de Peixoto de que a obra de Bastide também se torna melhor compreendida, se levarmos em conta os conceitos que este utiliza para discutir a arte e “vice-versa”. O caráter um tanto quanto obsessivo, no bom sentido, de João Luiz Lafeté, também encontra ressonância no mestre francês.

Daí se depreende como este, em 30: a crítica e o modernismo e Figuração da Intimidade se lança em empreitada grandiosa, e põe à prova em seu método crítico, o “princípio dos refletores convergentes”, pois é necessário lançar mão de vários feixes de luz sobre um objeto que se quer compreender, de modo a captá-lo de vários ângulos em movimento” (PEIXOTO, 2000, p.20).

Assim, sob a perspectiva desse método analítico, o objeto de estudo, no caso, a crítica literária dos anos 1930, teria que considerar todos os elementos externos e



internos, que mesmo que (pareçam em princípio) contraditórios, no fundo, concorrem para o mesmo fim.

A afirmativa que tomamos, permite escanearmos de forma prudente ainda melhor a intenção metodológica do autor norte-mineiro, quando contrastamos o método bastidiano com o seu próprio, posto que justamente neste ponto que Peixoto insiste em apontar como as tradições literária e sociológica se fazem presentes no pensamento bastidiano:

180

O diálogo como forma reflexiva e expositiva tem como vantagem adicional permitir uma articulação fina entre texto e contexto, na medida em que insere o autor e seu pensamento no tempo e no espaço, conectando homens e ideias, evitando assim uma análise que isola a obra e que sublinha exemplaridades em tom triunfalista. (PEIXOTO, 2000, p.20).²⁸

Peixoto prossegue nesta direção, nos dizendo que:

O trabalho realizado não é uma “história interna” ou exegese de texto. O diálogo lança a interpretação permanentemente para fora do texto e, em seguida, de volta a ele. Não se trata tampouco de uma “análise externa”, cujo alvo é o esquadramento do campo intelectual e as práticas sociais de seus atores. (PEIXOTO, 2006, p. 20).

O valor social da obra de Bastide então é referenciado por Peixoto, a exemplo daquele valor que é constantemente dado às pesquisas de Lafetá, o que nos possibilita apreender por exemplo, a partir de um texto como 1930: a crítica e o modernismo (como por sinal Antonio Candido faça questão de afirmar no prefácio do livro) e Figuração da Intimidade, o movimento que se dá no campo social, como as revoluções, que dividia homens e opiniões, as desigualdades sociais, que retratam a indiferença dos poderosos com os de pobres, a disparidade entre a cidade e o interior, no aspecto exterior, e por lado, as questões subjetivas, das consequências para os sujeitos, de serem os atores desta realidade, independente de que lado esteja, ele irá exteriorizar sua vivência e experiência, e a literatura, e

²⁸ GINZBURG, J. In: *Sinais, Raízes de um Paradigma Indiciário*. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: Uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDIUSP. 2006.



aqui está implícita a crítica literária, como arte de expressão, tem um papel fundamental nesse processo.

Afinal, porque Lafetá não se manteve “neutro” e buscou nas outras áreas do conhecimento subsídios para a sua crítica? Ele poderia construí-la com os preceitos do estruturalismo, sem provocar misturas e sem correr riscos, digamos. (Grifo nosso).

Nesta direção, nos chama a atenção a afirmativa de Carlo Ginzburg sobre a forma como o trabalho interpretativo em Ciências Humanas, normalmente se ancora sobre pistas e sinais que o intérprete segue e que:

(...) se assemelham àquelas marcas presentidas pelo caçador agachado na lama, que escruta as marcas da presa, pois nesta modalidade de trabalho as regras normalmente não existem de forma predefinida de modo claro para serem aplicadas. Sendo que neste momento devem entrar em jogo: faro, golpe de vista, intuição”. (GINZBURG, 1989. Apud PEIXOTO, 2000, p. 21).

Isto nos faz intuir que foram desses preceitos que se valeu o nosso crítico, tendo em vista que coloca em evidência a sua própria capacidade de interpretação e análise, sob a perspectiva interdisciplinar, numa atitude reflexiva permanente, que acaba por diferenciá-lo dos críticos seus contemporâneos,

Creemos que até aqui já seja possível o entendimento do método utilizado por Lafetá. Para que ampliemos ainda mais a compreensão, nos reportamos mais uma vez, a Peixoto na definição que esta propõe de forma sistematizada sobre o método aqui referenciado. Esta autora, primeiramente, se refere ao acompanhamento de temas de forma que denomina “obsessiva”, como já dissemos anteriormente, quando se referiu à forma como Bastide percorre o seu objeto de análise.

Enfim, o feixe de luz sobre o qual tomamos um prisma apenas para exemplificar o dito, toma corpo, à medida em que percebemos que tal forma de abordagem, parece constituir-se um traço da personalidade do crítico. Tal necessidade de estabelecer de forma minuciosa o texto, tomando-o como um todo, detalhando-o ao nível da exaustão, inclusive de si mesmo, é sua característica. Isto



pode ser percebido em outras produções de Lafetá, não apenas em suas publicações, mas em diversos dos seus manuscritos, disponíveis em seu acervo. Nestes, normalmente extremamente detalhados, o desenvolvimento das atividades era sempre esquematizado, elaborado em seu passo a passo, com extremo cuidado para que nada escapasse do seu astuto olhar de professor e estudioso do assunto em questão, de maneira considerada exaustiva, ressaltado o sentido exposto, demonstrando o quanto essa metodologia já tinha sido incorporada ao seu modo analítico, seja esta de uma obra de outrem ou sua própria produção.

Embora não seja possível afastar a produção de João Luiz Lafetá do seu mestre iniciador na crítica literária, podemos, em sua trajetória, construir uma espécie de bifurcação, onde ele irá como que distanciar-se de Candido, a partir do momento em que constrói para si uma outra trajetória.

Porque a proposta a partir de então, será analisar o objeto de estudo, não mais pela sua relação com o meio “apenas”, mas, visto em seus múltiplos aspectos, sob prismas diferentes (grifo nosso). Mesmo que, em princípio, pareça que estes não contenham relação entre si, posto que o campo de observação em se encontra o analista, proponha visões até mesmo contraditórias. Mas, isto faz parte do jogo da análise. De forma, que no final, tudo concorra para que se esgote as possibilidades de se enxergar o objeto, em todas as suas faces, não descartando nenhuma hipótese. Porque, assim, a interpretação não corra riscos de se tornar tendenciosa ou limitada ou simplesmente ideológica, e que leve em conta uma forma já padronizadas de ver o mundo e conseqüentemente, a literatura, principal motivo do modelo de crítica literária proposto por João Luiz Lafetá.

Referências:

ARANTES, Paulo Eduardo. *Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 10.



CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade: estudos de teoria e crítica literária*. 7.ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CARDOSO FILHO, Antonio. *Teoria da Literatura I*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. 2ª ed. São Paulo, Editora 34, 2000.

LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da Intimidade: imagens na Poesia de Mário de Andrade*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAFETÁ, João Luiz. *Mário de Andrade: Literatura Comentada. Seleção, notas, estudo biográfico, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

OLIVEIRA, Anelito Pereira de. *Audácia e método*. Estado de Minas, Belo Horizonte, v. 01, 2005, p. 04.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Para conhecer a obra de Roger Bastide*. Disponível em: fch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/RogerBastide.pdf. Acesso em 25 de setembro de 2017.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: Uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDIUSP. 2006.